

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO CINEMA NA FRENTE E POR TRÁS DAS CÂMERAS

Alice Vilela Rodrigues De Alvarenga ¹

Anna Sophia Poncinelli Garcia Rodrigues ²

Bárbara Fernandes Bernardes ³

Júlia Xavier Fajardo ⁴

Laura Agreli Merhey ⁵

Maria Carolina Moreira Braga ⁶

Nicole Aguiar Da Silva ⁷

Tatiana da Silveira Madalena⁸

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de revisão narrativa realizadas pelos autores supracitados da instituição UniAcademia, cujo objetivo central foi analisar a representação das mulheres no cinema na frente e por trás das câmeras, de forma a entender o papel da mulher dentro do contexto do cinema, nas mais diversas situações e contextos políticos, sociais e culturais. A presente pesquisa, foi baseada em literaturas encontradas na base de dados como: SciELO, Google acadêmico, e a partir da análise dos estudos foi possível chegar à conclusão de que o cinema é uma ferramenta imprescindível para a evolução das temáticas referentes às mulheres e ao universo feminino no contexto sociocultural. Infere-se também que é necessário mais estudos e materiais relacionando a essa questão, a fim de abranger a pesquisa para outros setores de discussão sobre o papel e importância da mulher na sociedade.

Palavra chaves: Cinema, Mulher, Representação, Cultura.

¹ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia
E-mail: alicevra@hotmail.com

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia
E-mail: annasponcinelli@gmail.com

³Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia
E-mail: babi.fernandes97@hotmail.com.br

⁴ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia (UNIACADEMIA). E-mail: jxfjxf11@gmail.com

⁵ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia (UNIACADEMIA). E-mail: lauraagreli@yahoo.com

⁶ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia (UNIACADEMIA). E-mail: maricarolbraga@gmail.com

⁷ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uniacademia (UNIACADEMIA). E-mail: nicoleaguiaar1@gmail.com

⁸ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: tatianamadalena@uniacademia.edu.br

This is a bibliographical research of narrative review carried out by the aforementioned authors of the institution UniAcademia, whose centric objective was to analyze the representation of women in movie theater in front of and behind the photograph, in order to understand the role of women within the context of. movie theater, in the most diverse situations and political, social and cultural contexts. The present research was based on literature found in the database such as: SciELO, Google academic, and from the analysis of the studies it was possible to reach the conclusion that movie theater is an essential tool for the evolution of themes related to women and gender. female universe in the culture context. It is also inferred that more studies and materials related to this issue are needed, in order to cover the research for other sectors of discussion on the role and importance of women in society.

Keywords: Cinema, Woman, Representation, Culture.

1 INTRODUÇÃO

A feminilidade e o papel da mulher na sociedade se estende há décadas em diversas culturas. No ocidente, há uma construção do ideal feminino, de comportamentos, costumes e de características específicas para que essa mulher se torne parte de uma coletividade.

Nesse sentido, nas representações de mídia nacional tem-se observado uma mudança significativa nas representações femininas, no papel da mulher e na criação de representatividade.

Ademais, a mulher passa a ter voz e a conduzir de forma plena sua própria trajetória dentro do cinema, peças de televisão e rádio.

Além disso, há um importante destaque para diretoras e atrizes ao longo do cenário brasileiro para mudanças significativas no fazer artístico com um viés voltado para as mulheres e feito por elas em instâncias de protagonismo e poder.

Nesse sentido, as produções iniciais com protagonismo feminino eram muito voltadas para um cenário de romantização do papel da mulher em relacionamentos amorosos e o olhar masculino nas produções coloca as mulheres como coadjuvantes de suas próprias narrativas e a mercê do imaginário e da sociedade da época, que era feita para homens e pelos homens.

Arelado a isso há mudanças históricas e políticas as quais as mulheres estavam expostas para refletir sobre suas realidades, as limitações que a sociedade impunha para elas e em como isso influenciava na produção cultural e artística feminina no país.

2 A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES POR TRÁS DAS CÂMERAS:

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA

O cinema nacional de maneira geral, principalmente no que tange ao feminino e suas representações seguiu por caminhos distintos ao longo das décadas e da evolução dessa representação nas artes, como no teatro e posteriormente nas telas cinematográficas.

Nesse sentido, vale destacar o papel das atrizes e diretoras em produções nacionais que, com suas perspectivas e ideias construíram um novo caminho para o feminino e as vivências das mulheres no cotidiano e nas telas brasileiras.

No livro *Mulheres do Brasil*, o autor Paulo Rezzutti nos mostra uma contextualização histórica sobre a construção artística feminina no país, que vem desde os tempos da colonização e inicialmente se deu através do teatro. O autor discorre sobre os empecilhos da época no fazer artístico por questões morais da sociedade da época e, principalmente a marginalização da profissão e da figura feminina dentro dos palcos.

Desse modo, nota-se que a construção da arte no país se deu em passos lentos, porém, graduais para que atualmente as mulheres tivessem mais voz dentro do teatro e posteriormente nos cinemas.

O cinema brasileiro teve seus primeiros passos no século XIX, no Rio de Janeiro, conforme Clasen (2017) afirma e contextualiza sobre a trajetória histórica do cinema nacional, que surgiu após a primeira exibição cinematográfica em Paris. Segundo o autor, notava-se, nesse início o foco do cinema nacional sobre curtas sobre o cotidiano, retratações sobre crimes. No que tange ao feminino observou-se ao longo dos séculos, uma maciça influência dos filmes estadunidenses e seus valores para a representação de papéis femininos e suas implicações socioculturais que favoreciam o patriarcado.

2.2. FERNANDA MONTENEGRO

No campo da atuação, inúmeras atrizes se destacam nas produções nacionais, dentre elas Fernanda Montenegro, nome artístico de Arlette Pinheiro Monteiro Torres, que é uma atriz de grande relevância para o cenário cinematográfico e do teatro brasileiro. Dentre as obras que a atriz participou estão: *Central do Brasil* (1998), *o Auto da Compadecida* (2000), *Casa de Areia* (2005), *Doce de Mãe* (2012) *O tempo e o Vento* (2013). A atriz, por sua vez, tem uma variabilidade de trabalhos tanto no campo de teatro, cinema, novelas e rádio.

No livro *A defesa do mistério*, a autora relata com a participação da própria atriz a história da figura atriz Fernanda Montenegro colocando aspectos como sua vida pessoal e o início de sua carreira.

Ao longo do livro, a atriz relata sua passagem pela televisão, os trabalhos que fez, as obras cinematográficas que participou. Assim, a atriz brasileira conta a realidade da construção das produções cinematográficas que esteve presente, o desafio de colocar sua autenticidade, essência e representatividade dentro de cada papel que desempenhou e principalmente a importância da versatilidade do seu ser enquanto atriz e instrumento para a arte.

O livro nos leva a refletir sobre a construção da profissão de atores e atrizes brasileiros e como os papéis desempenhados por mulheres no cinema nacional e internacional foram sendo reconstruídos e moldados a partir de contextos históricos e sociais. Diante disso, vê-se a relevância da reivindicação política presente na classe artística presente em alguns períodos históricos do país, como a ditadura militar, na qual Fernanda Montenegro destacou, que foram dias conturbados em sua vida pessoal e profissional por conta da censura presente em relação aos meios de comunicação e de cultura, como a televisão e o teatro.

Nesse sentido, a atriz foi de suma importância para o cenário das artes visuais no país. Seus trabalhos realizados foram essenciais para que, por meio da arte, o feminino e as questões inerentes a ele fossem colocados em pauta na sociedade brasileira ao longo dos anos.

2.3. PERSPECTIVA DA INDÚSTRIA EM RELAÇÃO A MULHER

A arte do cinema sempre foi voltada para a visão do homem, seja aquele que está dirigindo, ou assistindo, deixando as mulheres em um lugar de subjugação, por trás e por frente das câmeras. Historicamente, as mulheres que puderam ter um espaço na tela do cinema, estavam sujeitas aos mesmos papéis, no que eram usadas como apelo sexual, donzela em perigo, em busca pelo amor perfeito ou para alívio cômico.

A estruturação de papéis para mulheres sempre são voltados para a conquista do homem ideal, e quando não estão sob essa perspectiva, se sentem inferiores e sem valor. Uma análise referente ao papel da mulher nos filmes, foi realizado por uma professora do curso de Cinema na PUC Minas Clara Albinati, graduada em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFMG), apresenta o Teste Bechdel para identificar o papel das mulheres nas obras, a partir de três questões como tática de averiguação: a peça midiática possui duas ou mais personagens mulheres que

tenham nomes? Elas conversam entre si? Conversam algum assunto que não gire em torno de homens ou romances?

O percurso das mulheres no cinema pode ser observado e concretizado por inúmeras obras, que são voltadas para o romance. Um processo que pode mudar e tirar essa “visão do homem” dentro de todos os filmes, é pela inserção da mulher no processo criativo, deixando-as ativas e presentes nesse momento, para colocar a perspectiva feminina, de que mulheres não vivem apenas para procurar e agradar homens no cotidiano. Mostrando inúmeras faces do feminino, apesar de o processo de inserção da mulher mais ativa no processo criativo de obras, a visão masculina ainda perdura sobre a perspectiva do filme. Um breve histórico deve ser marcado, de acordo com o artigo publicado em 2019, Mulheres pioneiras do cinema, destaca mulheres que causaram um impacto direto no processo da indústria cinematográfica brasileira, tais como Cléo de Verberena, é considerada a primeira mulher a dirigir um longa-metragem no país, com *O Mistério do Dominó Preto* (1931), obra produzida e estrelada por ela. Outro nome em destaque é da cineasta Suzana Amaral. Sua carreira no cinema começou no final da década de 1960, depois de filmar documentários de curta-metragem para o programa *Câmera Aberta* da TV Cultura, foi premiada com o curta *Minha Vida, Nossa Luta* (1979). Em 1985, dirigiu *A Hora da Estrela*, longa-metragem baseado na obra de Clarice Lispector, pelo qual a protagonista Marcélia Cartaxo recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Berlim, dirigiu a minissérie *Procura-se* (1992) e os longas *Uma Vida em Segredo* (2001) e *Hotel Atlântico* (2009). Em uma entrevista ao *The New York Times*, em 1987, Suzana falou sobre sua condição como mulher e cineasta: “No Brasil, muitas pessoas que têm entre 40 e 50 anos pensam que devem se sentar e esperar pela morte – elas não pensam que podem começar algo novo em suas vidas. Eu acho isso errado. É quando a vida realmente começa. Estou cheia de energia. Ainda sou uma mãe, mas ser mãe não é uma profissão, é uma condição da vida. As mulheres não deveriam encarar a maternidade como uma profissão”.

Em 1960 e 1970, o Cinema Novo foi um movimento importante, que marcou a produção audiovisual brasileira, nas questões sociais para voltadas para a situação política do país. a cineasta Helena Solberg, com seu primeiro trabalho foi o curta-metragem *A Entrevista* (1966). “Meus dois primeiros filmes têm uma curiosa mistura de documentário e ficção. Sempre gostei de experimentar com esses dois elementos e borrar essas fronteiras”, conta a diretora. Nos anos 1970, ela viajou pelas Américas e realizou diversos filmes, incluindo *A Nova Mulher* (1975), *Simplesmente Jenny* (1978) e *A Dupla Jornada*, Anos depois, voltou ao Brasil para concluir Carmen Miranda: *Bananas is My Business* (1995). Em 2005, lançou o longa ficcional *Vida de Menina*

(2005), inspirado nos diários de Helena Morley. “Com esse filme me aventurei na ficção, adaptando com liberdade um documento verdadeiro, um dos primeiros diários femininos escritos por uma menina, dos 13 aos 15 anos, em 1893”. Em 2009, a cineasta recebeu o prêmio de melhor direção no Festival Internacional do Rio por Palavra (En)cantada, o documentário mais assistido nos cinemas brasileiros naquele ano. Em 2013, lançou o longa documental A Alma da Gente. Sobre a trajetória da cineasta, vale conferir o livro Helena Solberg: Do Cinema Novo ao Documentário Contemporâneo, de Mariana Ribeiro Tavares, lançado em 2014 pelo Festival É Tudo Verdade, ano em que a diretora foi homenageada no festival. Mulheres como essas, são de grande impacto para uma nova perspectiva na indústria cinematográfica, causando uma grande movimentação em direção ao lugar de destaque que a mulher deve ocupar, apesar de um grande passo percorrido, atualmente, ainda são observados inúmeras obras com a visão do masculino em destaque, colocando mulheres em segundo plano.

3 A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA FRENTE DAS CÂMERAS:

3.1 A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO CINEMA HEGEMÔNICO:

O cinema evoluiu consideravelmente desde o seu surgimento em 1895, a partir do desenvolvimento da tecnologia, as formas de produção ganharam inúmeras possibilidades. Apesar do enorme avanço da indústria cinematográfica tanto na sua forma de produção quanto em seu alcance social, político e econômico, os filmes seguiram reproduzindo representações do corpo feminino e de uma posição assimétrica no âmbito das relações de gênero em suas narrativas, as quais reforçam imaginários sociais que perduram na sociedade contemporânea (AMORIM et al, 2017).

Os papéis de gênero são categorias, pré-estabelecidas socialmente, que demarcam e permeiam as relações sociais. A partir desses papéis foi estabelecida uma hierarquização resultando assim na desigualdade de gênero. A partir disso, o cinema se estabeleceu como um dos veículos que contribui com a perpetuação desse sistema, funcionando como um aparato para a manutenção dessa desigualdade, se consolidando, de acordo com Teresa de Lauretis (1984) como uma "tecnologia de gênero" (ALVES; COELHO, 2015). Dentro dessa perspectiva, é possível corroborar com a visão de Amorim *et al* (2017) que afirma:

O posicionamento da mulher na base de uma estrutura hierárquica, que buscava deslegitimar sua participação em qualquer espaço que viesse a ocupar, demonstrava a figura de passividade a qual a mulher deveria obedecer.

Segundo Kornis (2008), para que isso se desse sem a expressão de certo grau de rebeldia, os meios de comunicação de massa vieram como instrumentos de cristalização de padrões de comportamento e estereótipos a serem reproduzidos no convívio social. Compreende-se a produção cinematográfica como um desses meios de comunicação, que ultrapassam a simples obra de arte, causando uma revolução artística ao capturar não só uma representação de um lugar, objeto, indivíduos ou sociedade, mas toda uma cultura vivida naquele espaço, influenciando decisivamente sobre o modo de percepção e comportamento dos indivíduos em seu ambiente de convívio (apud AMORIM et al, 2017).

O cinema clássico americano, hegemônico em todo o mundo, construiu códigos de linguagem que se resumem a um manual de discurso narrativo (GUBERNIKOFF, 2009). Isso fez com que se estabelecesse um padrão em como as mulheres seriam representadas nas produções audiovisuais. Esse discurso estabelece uma construção de narrativas através de rótulos e estereótipos e comumente baseia seus personagens em características padronizadas que foram construídas para cada grupo social, os papéis já são previamente definidos de acordo com o que se constitui como comportamento da feminilidade e da masculinidade (ALVES; COELHO, 2015).

Além disso, o cinema hollywoodiano criou o *star system*, o qual constituiu um movimento cinematográfico que visava transformar as imagens das estrelas do cinema em emblemas de sexualidade. Esse sistema estabeleceu um padrão de beleza das figuras femininas, além de transformar o corpo feminino em objeto de consumo. O cinema clássico narrativo, reproduziu os ideais do patriarcado e, através do *star system*, contribuiu com a objetificação das mulheres, uma vez que o mercado cinematográfico é dominado por uma visão masculina, na qual a mulher é posta como objeto de desejo e contemplação (ALVES; COELHO, 2015).

As mulheres são constantemente retratadas através de um olhar masculino e em função de agradar esse público, se estabeleceu assim, de acordo com Laura Mulvey (1983), uma relação *voyeurística* com a imagem da mulher. Portanto, como a sociedade é dominada pelo homem e é seu prazer visual que se procura satisfazer, o cinema se articulou para oferecer ao espectador uma identificação com o personagem que desfruta do prazer de observar a mulher como objeto erótico (ALVES; COELHO, 2015).

Essa forma de construir as narrativas cinematográficas resultou em representações femininas sexualizadas, superficiais, excluindo a subjetividade das mulheres e as inúmeras possibilidades de vivência. Foi representada inicialmente como frágil e sensível, posteriormente como independente financeiramente, atuante e dotada de sexualidade, mas independente do papel que interpreta, a mulher estava sempre em uma posição hierárquica abaixo daquele que a observa (AMORIM et al, 2017).

O Brasil, como não possui o próprio mercado desenvolvido e valorizado, reproduz as mesmas formas de narrativa constituídas no cinema clássico

estadounidense. Além disso, no início da produção cinematográfica brasileira as equipes de produção eram compostas majoritariamente por homens, isso resultou na replicação dos modelos de filme construídos através do olhar masculino (AMORIM et al, 2017).

A exceção a esse padrão narrativo, é encontrado nas produções independentes, que trazem o protagonismo feminino complexo na tela e sua representação em espaço de igualdade àquele ocupado pelo homem em outras produções. Essas produções contribuem para a percepção do avanço dos movimentos sociais frente à conquista de direitos e corroboram com a continuidade da resistência na ocupação de espaços que são ocupados por lógicas hegemônicas (AMORIM et al, 2017).

3.2 O PADRÃO DE BELEZA NA INDÚSTRIA DO CINEMA

Na obra de Theodor Adorno e Max Horkheimer " Dialética do esclarecimento (1947)", origina-se o conceito acerca de Indústria Cultural. O contexto histórico desta, é marcado pelo ápice da Revolução Industrial em que ocorreram grandes transformações principalmente no processo produtivo e nas relações de trabalho. No que se relaciona a vida dos trabalhadores assalariados, estes começaram a usufruir de um tempo livre, ocorrendo assim o aumento de investimento em atividades de entretenimento e lazer por parte do sistema capitalista que visou a obtenção de lucros por meio de itens da indústria cultural como o rádio, a tv, cinema, entre outros. Os autores explicitam que é mediante esses meios de comunicação em massa, em que a classe dominante inicia perpetuação de seus ideais.

Conforme Frutuoso (2015), a utilização dos produtos audiovisuais vai além da disseminação de ideias dominantes, mas também na formação de consciência, propagação e reflexão de uma cultura, mas também o reforçamento de padrões comportamentais e ideológicos. Verifica-se isto quando refletimos acerca do papel da mulher na sociedade em que estamos inseridos e observamos a representação destas em filmes.

De acordo com a autora, a sociedade contemporânea até ao tempo presente ainda é extremamente tradicional pois continuam refletindo os princípios patriarcais, em que as mulheres ainda seguem sendo restringidas a um papel de objeto de pertencimento dos homens. No âmbito cinematográfico, não é muito diferente disso pois a maioria dos diretores são homens, portanto as mulheres são vistas sobre a perspectiva do "olhar masculino" que na maioria das vezes buscam destacar princípios baseados no glamour e erotismo.

Avelino e Flório (2015), buscam compreender as representações da imagem feminina em Hollywood, principalmente no que se refere às personagens fictícias interpretadas pela grande estrela de cinema em 1950: Marilyn Monroe. A conclusão dos autores expõem como a contemplação das performances representadas por essa artista tende a erotização em todas suas personagens de modo que é propagado apenas a objetificação de seu corpo.

Em uma das obras citadas pelos autores o "pecado que mora ao lado (1955)", é relatado a história de um homem casado que se sente totalmente atraído por uma vizinha interpretada por Marilyn Monroe. É neste filme que ocorre uma cena em que repercutiu bastante e até hoje é associada à carreira da atriz, quando a personagem na saída do cinema, usa a tubulação de ar do metrô para se refrescar. Neste momento, as câmeras registram o vestido da personagem levantando e o aparecimento de suas pernas de uma forma sensual combinada com a sua expressão facial de prazer e felicidade.

3.3 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS FRENTE DAS CÂMERAS

Não é novidade que a sociedade foi construída em uma base patriarcal, na qual a figura masculina sempre foi detentora do poder e da validação e a feminina ocupou um lugar de submissão e fragilidade, tendo sempre papéis de mãe e cuidadora do lar como único caminho a seguir. Os homens, durante toda a história, tiveram seus direitos garantidos, enquanto as mulheres sempre tiveram que lutar por direitos básicos como direito ao voto, ao estudo, a liberdade de expressão, entre outros. Ainda que com muitos avanços, a luta pela igualdade de gênero não é fácil e está longe de terminar. No cinema o cenário ainda é de mais retrocesso, pois a mulher é majoritariamente representada como vulnerável e incapaz, sendo extremamente estereotipada e desenvolvida como um complemento para o personagem principal, que é o homem. A discussão sobre a representação da mulher nas produções cinematográficas se torna cada vez mais importante com as grandes massas tendo cada vez mais acesso ao cinema, o que faz com que as produções sejam capazes de influenciar a sociedade e perpetuar uma visão generalista sobre as mulheres (CADORE e MONTEIRO, 2018).

De acordo com o primeiro estudo global sobre personagens femininos em filmes populares, do ano de 2014, feito com o suporte da ONU mulheres:

Embora as mulheres representem metade da população mundial, menos de um terço de todos os personagens com fala nos filmes são mulheres. Menos de um quarto da força de trabalho fictícia no cinema é composta de mulheres (22,5%). Quando têm empregos, as mulheres normalmente estão ausentes das posições de poder. As mulheres representam menos de 15% dos empresários, políticos e funcionários de ciências, tecnologia, engenharia e/ou matemática (ONU mulheres, 2014).

Além disso, o estudo apresentou que menos de um terço dos personagens cinematográficos são do sexo feminino; no Brasil esse percentual é de 37,1%, embora não seja o ideal o número passa da média global de 30,9%. Entretanto, essa representatividade se dá de forma estereotipada, já que a porcentagem de mulheres em roupas sensuais, nudez e em personagens magros, passa a média mundial de 38,5%, alcançando 42% (ONU, 2014, apud CADORE e MONTEIRO, 2018).

Outra pesquisa, realizada de 2007 a 2012, através da análise dos 500 melhores filmes, revelou alguns outros pontos como:

a) 30,8% dos personagens com falas são mulheres; b) 28,8% das mulheres usaram roupas provocativas, em contrapartida apenas 7% dos homens; c) 26,2% das mulheres ficaram parcialmente nuas, contra 9,4% dos homens; d) 10,7% dos filmes tiveram um elenco equilibrado; e) a proporção de atores para cada atriz é de 2,25 para 1; f) a % de meninas adolescentes mostrando nudez aumentou 32,5% entre 2007 e 2012 e g) aproximadamente 1/3 das personagens femininas com falas são retratadas de maneira sexualmente provocativas ou parcialmente nua (VASCOUTO, 2016, apud CADORE e MONTEIRO, 2018, p.38).

Nesse sentido, é possível pensar que, ainda que as mulheres sejam representadas nas telas, elas nunca ocupam os mesmos lugares de um homem, além de serem hiperssexualizadas, mostrando que a indústria é feita por homens e para homens. Existem, também, alguns fenômenos que representam a misoginia nas telas do cinema, como por exemplo a Síndrome Trinity e o Princípio *Smurfette*.

Segundo Robinson (2014) a Síndrome Trinity consiste na apresentação de uma personagem perfeitamente capaz, independente e interessante, mas que, ao longo do desenvolvimento do filme vai perdendo todas essas características se tornando dependente do personagem masculino. Entre diversos exemplos utilizados, a autora aponta o filme *Como Treinar Seu Dragão 2*, lançado em 2014 e dirigido por Dean DeBlois, no qual a personagem Valka é apresentada durante boa parte do filme como extremamente sábia, forte, complexa e esférica, porém quando a batalha realmente se inicia é dado a ela um papel de vítima, que, além de não contribuir na luta, necessita da salvação dos personagens masculinos. Nesse cenário, é mostrado que ainda que a mulher não seja retratada apenas como uma vítima indefesa ou

personagens sexualizados e estéricos, o objetivo não foi verdadeiramente cumprido se as mulheres apresentadas como fortes não tiverem um propósito e uma relevância na narrativa do filme.

Por outro lado, o Princípio de Smurfette, se dá pelo fato de que apesar de grande parte do mundo ser constituído por mulheres, uma obra julga necessário apenas uma figura feminina para a representação do gênero. Esse fenômeno recebe esse nome devido ao filme *Os Smurfs*, lançado em 2011 e dirigido por Raja Gosnell e Kelly Asbury. A história passa em uma vila constituída por pequenos homens azuis cujos nomes que recebem são de acordo com seu traço de personalidade mais aparente, exceto por um personagem que é do sexo feminino: a Smurfette. Entretanto, diferente de todos os outros moradores da vila, Smurfette não tem um adjetivo que a diferencie e a nomeie, sua única contribuição é representar a feminilidade e a fragilidade. Grande parte dessa falta de representatividade acontece devido aos roteiros de filmes serem escritos majoritariamente por homens, o que gera um desconhecimento sobre o universo feminino e perpetua a ideia da mulher fútil e frágil socialmente criada (RODRIGUES; MENEZES; BANDEIRA, 2015).

Portanto, entende-se com todas as pesquisas apresentadas, que a representação da mulher dentro do cinema é feita com misoginia, colocando-as em papel de submissão frente aos homens. Infelizmente esse panorama é esperado, visto que “na Paramount, quatro dos cinco alto executivo são homens. Na Sony, são seis executivos homens e uma mulher. Na Disney, eles são nove de onze. Na Universal, quinze de vinte. Na Warner, seis de oito. E na Fox, oito de dez.” (VASCOUTO, 2016). A autora ainda aponta que esse número se torna mais assustador ao se levar em conta que homens e mulheres estão igualmente presentes nas escolas de cinemas, além de que as figuras femininas ganham diversos prêmios em festivais de cinema independentes. Nesse sentido, a trajetória da mulher dentro do cinema deve ser cada vez mais discutida para que sejam abertos mais espaços em todas as etapas da produção de um filme, pois só assim poderá haver um resultado justo e que alcance a igualdade entre os gêneros.

3.4. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO CINEMA NACIONAL

O cinema chega ao Brasil em 1895, e é durante o período silencioso (1898 - 1929) que surgem os primeiros indícios da participação do negro em frente as câmeras. Há poucos registros da época visto que a maioria das cópias dos filmes e de suas matrizes foram perdidas devido a má conservação e a incêndios. Nos documentários, que naquele momento tinham como principal função retratar os

discursos políticos, econômicos e científicos da época, mostram o negro nas laterais de forma literal, estando quase sempre nas bordas e no fundo das filmagens sem papel dramático (CARVALHO,2003; p. 8). É visto que, desde o começo de sua história, o papel do negro inicia-se sendo colocado de lado e há uma constante luta ainda atualmente, para que haja uma representação e papéis dignos diante das telas.

Na década de 1950, a atriz Ruth de Souza ficou conhecida por sua participação de destaque no teatro e no cinema. No entanto, em sua primeira participação em uma telenovela, “A Deusa Vencida”, seu papel foi o de uma empregada subalterna. O estereótipo do negro prevalece em suas representações não só nas novelas, como também no cinema, onde seus personagens acabam sendo resumidos a papéis secundários e sem profundidade. João Carlos Rodrigues aponta em seu livro “O Negro Brasileiro e o Cinema” que personagens interpretadas por mulheres negras são geralmente colocadas dentro dos estereótipos de mãe-petra, um arquétipo não muito utilizado atualmente, mas que retrata a imagem do período escravocrata brasileiro, representada pela imagem da escrava amamentando o filho branco de seu senhor, uma imagem de sofrimento e conformidade; a mártir, também uma representação da escrava; a negra de alma branca, que se apaixona por um branco e tenta pertencer a essa realidade; a nega maluca, uma personagem travessa, que provoca desavenças; a mulata, que será discutida mais a frente; e da musa, não muito frequente na mídia brasileira (LAHNI, ALVARENGA, PELEGRINI, PEREIRA, 2007).

O cinema torna-se um veículo de reprodução da valorização da cultura branca que, por sua vez, ao utilizar de estereótipos e arquétipos para retratar outras culturas que não a sua, causa o fenômeno da invisibilidade social. Dessa forma, as pessoas negras não são capazes de se identificar com as personagens mostradas nas telas já que elas não reproduzem uma imagem da realidade como ela é por si, e sim como ela é vista pelo olhar do branco (LAHNI, ALVARENGA, PELEGRINI, PEREIRA, Maria, 2007). Esse discurso é mantido também para as mulheres de cor parda, escondido atrás da imagem de uma hipersexualização. Consideradas mulatas, essas mulheres aparecem marcadas por um estereótipo de sensualidade e imoralidade.

Ainda que seja possível encontrar exemplos de representação positiva, como é o caso do filme “Filhas do Vento”, onde há condições sociais melhores para as personagens, não apaga o uso recorrente da sub-representação e difamatórias da imagem da mulher negra. Mesmo que o cinema tenha passado por grandes mudanças ao longo dos anos e tenha avançado em muitos aspectos, ainda é

necessário que haja uma melhora considerável quando o assunto é a representatividade. O cinema pode ser considerado um espelho da sociedade, mas os estereótipos apresentados estão longe de representar a realidade da mulher negra que são muito mais que empregadas domésticas e objetos de desejo (CANDIDO, FERES,2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema torna-se uma ferramenta imprescindível para a evolução das temáticas referentes às mulheres e ao universo feminino. Desse modo, a cultura e a sociedade se adaptam mesmo que a passos vagarosos a um novo olhar dirigido para as mulheres e as produções audiovisuais presentes no país.

Assim, tanto diretoras como atrizes presentes nessa construção de um novo viés de produção artística fazem com que haja avanços e reflexões sobre aspectos culturais negativos sobre as representações das mulheres e auxiliam na modificação desses a fim de gerar uma nova realidade para as mulheres diante das câmeras e por trás delas. Além disso, a pesquisa nos mostrou a necessidade de maiores estudos sobre a construção da mulher no cinema e os impactos sociais, políticos que atravessam a questão dela nos diversos contextos culturais ao longo da história.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1985.

AMORIM, Leonardo Amaral Nunes *et al.* A MANUTENÇÃO DOS PADRÕES DE GÊNERO NO CINEMA HOLLYWOODIANO. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais - UNIT - ALAGOAS**, 4(2), 171. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/4597>.

AVELINO, Yvone; FLÓRIO, Marcelo. Representações do Corpo Feminino no cinema de Hollywood: Uma imagem leitura imagética de Marilyn Monroe no System da década de 1950 São Paulo: **Revista PUC. SP**. 2015.

ALVES, Paula; COELHO Paloma. Discursos, performatividades e padrões visuais no cinema: reflexões sobre as representações de gênero, o mercado cinematográfico e o cinema de mulheres. **ACENO** v. 2 n. 3, 2015.

CADORE, Caroline Bresolin Maria. MONTEIRO, Kimberly Farias. A representatividade do papel da mulher no cinema face ao domínio masculino. In BOLESINA, Iuri. GERVASONI, Tássia A. LOBO, Tatiana de Azevedo (Orgs). Direitos Fundamentais nos novos cenários do Século XXI. Porto Alegre, RS; **Editora Fi**, 2018.

CANDIDO, Marcia Rangel. FERES, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**. 2019, v. 27, n. 2, e54549. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>

CARVALHO, N. dos S. (2003). O negro no cinema brasileiro: O período silencioso. **Plural**, 10, 155-179. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2003.68073>

FRUTUOSO, Rafaela. **TCC Protagonismo feminino em questão: Análise das personagens feministas nas recentes produções em animação do universo Princesas da Disney**. P.97.UFJF/MG Juiz de Fora: 2015.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. Conexão - Comunicação e Cultura, **UCS, Caxias do Sul**, v.8, n.15, 2009.

LAHNI, Cláudia Regina. ALVARENGA, Nilson Assunção. PELEGRINI, Mariana Zibordi. PEREIRA, Maria Fernanda França. A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento. **Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa - UBM**, Barra Mansa, v.9, n. 17, p. 80, jul. 2007.

REZZUTTI, Paulo. Mulheres do Brasil: A história não contada; 1ª edição, 2019;
SILVA, Denise do Nascimento Britz, Mulheres no Cinema Brasileiro, **Cad. Esp. Fem., Uberlândia/MG**, v. 24, n. 2, p. 365-394, Jul./Dez. 2011 Link: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/13661>. Acesso em: 20/11/2022

ROBINSON, Tasha. We're losing all our Strong Female Characters to Trinity Syndrome. Junho; 2014. Disponível em: <https://thedissolve.com/features/exposition/618-were-losing-all-our-strong-female-characters-to-tr/>. Acesso em: 22 de novembro 2022.

RODRIGUES, Edvald. MENEZES, Maria Eduarda. BANDEIRA, Álamo. Mulheres na geladeira: A vulnerabilidade das super-heroínas no universo das histórias em quadrinhos. Rio de Janeiro, RJ; setembro 2015.

ONU: Indústria cinematográfica global perpetua a discriminação das mulheres, aponta estudo da ONU Mulheres, **Geena Davis Institute e Fundação Rockefeller.** Onu Mulheres, 2014. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/noticias/industria-cinematografica-global-perpetua-a-discriminacao-das-mulheres-aponta-estudo-da-onu-mulheres-geena-davis-institutee-fundacao-rockefeller/#:~:text=NOVA%20YORK%2C%2022%20de%20setembro,meninas%20na%20ind%C3%BAstria%20cinematogr%C3%A1fica%20internacional](https://www.onumulheres.org.br/noticias/industria-cinematografica-global-perpetua-a-discriminacao-das-mulheres-aponta-estudo-da-onu-mulheres-geena-davis-institutee-fundacao-rockefeller/#:~:text=NOVA%20YORK%2C%2022%20de%20setembro,meninas%20na%20ind%C3%BAstria%20cinematogr%C3%A1fica%20internacional.). Acesso em: 19 de novembro 2022

VASCOUTO, Lara. Como a Falta de Mulheres em Hollywood Contribui para a Desigualdade de Gênero na Vida Real. **Nó de Oito.** Fevereiro, 2015. Disponível em: <http://nodeoito.com/mulheres-em-hollywood/>. Acesso em: 19 de novembro 2022.

WEINMANN, Amadeu; MARQUES, Barbara. Brasileiras por trás das câmeras do cinema. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Instituto de Psicologia.** Link: <file:///C:/Users/PC/Downloads/166706-Texto%20do%20artigo-434081-4-10-20200913.pdf> . Acesso em: 21/11/2022

BARBOSA, Neusa; A defesa do mistério. **Coleção Aplauso:** 2009.

Link: <https://aplausos.com.br/edicoes/12.0.813.613/12.0.813.613.pdf>
Acesso em: 26/11/2022